SERMAÕ
PANEGYRICO
DO GLORIOSO
Sto. ANTONIO
DE LISBOA,

No Convento da Saudaçaõ de Religiózas Dominicas de Monte-mór o novo,

QUE PREGOU AOS 18. DE JUNHO DESTE anno de 1748. na festa, que todos os annos fazem as Religiozas filhas de Lisboa ao mesmo Santo, estando manifesto o Santissimo Sacramento,

O MUYTO REVERENDO PADRE MESTRE

Fr. JOACHIM DE S. ANNA,

Eremita de S. Paulo, Doutor, e Lente de Theologia no Collegio de Evora.

DADO AO PRELO

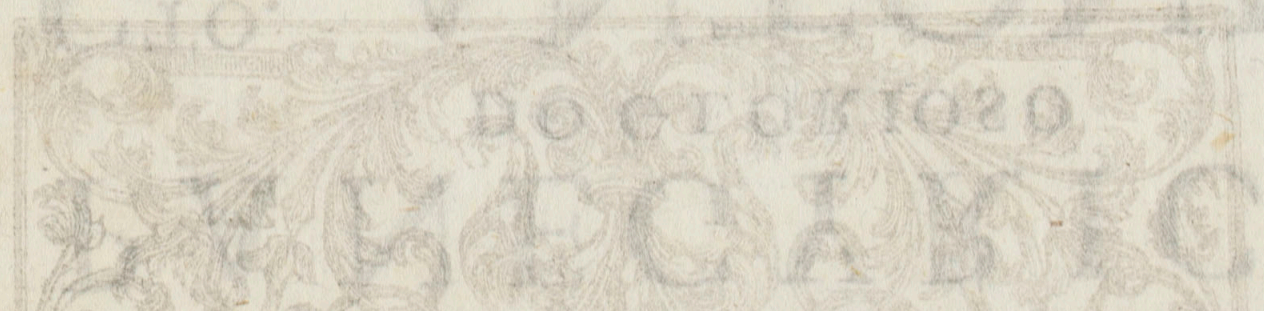
Por huma devota de Santo Antonio, Religiosa no sobredito Convento.

LISBOA.
NA OFFICINA DE FRANCISCO DA SILVA.
Anno de MCCXLVIII.

Com todas as licenças necessarias.

A HG

DEDICATORIA



AO GLORIOSO

THAUMATURGO DA

Graça, credito de Portugual, e immortal gloria de Padua, o ſempre grande

SANTO ANTONIO

DE LISBOA.

DEDICATORIA.

QUERENDO *a minha devoçaõ, e o meu dezejo expor ao publico eſte Doutiſſimo Sermaõ, logo aſ-*

2, H4

ſenti ſeres Vós o Patrono, debaixo de cuja protecçaõ ſahiſſe á luz; naõ para que o defendeſſeis das cenſuras dos Zoilos, e da detracçaõ dos Ariſtarcos, porque naõ teme aſſumpto taõ ſolido, e tam bem provado (ainda que novo) que com razaõ em huma ſó palavra ſe cenſure; pois naõ cuidou ſeu Author em fazer ramalhetes, fallar critico, buſcar ás palavras quéda, nem em outros artificios, de que uſaõ muitos Oradores para ſe fazerem attendiveis; mas ſó em fallar de maneira, que todos o entendeſſem, em buſcar aſſumpto proprio, que ſem violencia tirou do Evangelho, e em buſcar as mais genuinas provas, com que ficou taõ ſolido, que ſendo elogio predicavel, parece verdade infallivel. Buſquei ſim a voſſa protecçaõ, porque a Vós ſaõ devidos todos eſtes obſequios. A minha devoçaõ, e o meu dezejo foraõ

raõ os que influiraõ neſta impreſſaõ: a minha devoçaõ, porque ainda que naõ tenho a gloria de ſer patricia voſſa, ſei, como aquellas, empenhar-me nos voſſos elogios; o meu dezejo, porque tanto que ouvi prégar taõ douto panegyrico, aſſentei naõ ſer ambicioza da dita que poſſuhi, querendo que todos a tiveſſem, ſe naõ ouvindo-o, ao menos lendo-o. Se eſte empenho, glorioſo Santo, naõ for do voſſo agrado, porque exponho ao mundo todo o elevado de voſſa grandeza, que Vós tanto fizeſtes por occultar; ſei certamente que o he do agrado de Deos, e dos voſſos patricios: dos patricios, porque aſſim ſe engrandece a ſua patria; de Deos, porque aſſim ſe augmenta a ſua gloria.

A voſſa mais hnmilde devota.

LICEN-

3
H4

LICENÇAS

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

CENSURA DO M. R. P. MESTRE Fr. Thimotheo da Conceiçaõ, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENT. E REVEREND. SENHOR.

O Sermaõ, que prégou o M. R. P. M. Fr. Joachim de Santa Anna, Eremita de S. Paulo, Doutor na Sagrada Theologia, e Lente no ſeu Collegio de Evora, na feſtividade, que conſagraõ as Religiozas filhas de Lisboa do Convento da Saudaçaõ de Monte-mór o novo ao meu glorioſo Santo Antonio, luſtre deſta Corte, gloria de Portugal, admiraçaõ de Italia, ſplendor de minha Religiaõ Seraphica, e titular inſigne de minha Santa Provincia, he taõ excellente, e taõ admiravel, q̃ me parece mais obra do Ceo, que da terra; porque o ſeu Author ſoube nelle unir as razoens de Sermaõ, e de Geneologia: de Sermaõ, porque nelle panegyrizou as ſuas excellencias, e virtudes, que fez cá na terra; e de Genealogia, porque para gloria dos ſeus naturaes lhe deſcobrio a ſua deſcendencia lá do Ceo. Bem moſtrou eſte Douto Panegyriſta que o meu Santo Antonio tinha a ſua aſcendencia em Deos, porque no Ceo lhe pôs a arvore da ſua geraçaõ, e naſcimento. E como lhe deo taõ ſubido naſcimento, naõ podia deyxar de ſer alto, e novo o ſeu aſſumpto, que cõ

ener-

energia, e ſem violencia provoũ com o Capitulo 21. do Apocalypſe, com o qual pode muy bem dizer: *Ecce nova facio omnia.* Por eſta, e por outras muitas razoens, eu tambem com o meſmo lugar o quizera perſuadir que por gloria ſua, e dos Portuguezes, eſcreveſſe muitos Sermoens como eſte, em que tudo he fiel, e verdadeiro: *Scribe, quia hæc verba fideliſſima ſunt, & vera.* Ou como dizem as Verſoens: *Scribe, nam ſermo iſte fidus, & verax. Sermo, qui in veritate eſt, fit: Scribe propterea, quod illa verba fidelia ſunt, & vera.* E ſendo as ſuas palavras taõ fieis, e verdadeiras, naõ podia ter couſa alguma contra a fé, e bons coſtumes; por cuja cauſa ſe faz digno de ſer impreſſo com letras daquelle metal, de que era feyta a Cidade Sancta: *Ipſa vero Civitas aurum mundũ.* Eſte o meu parecer, voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio dos Capuchos 30. de Agoſto de 1748.

Apoc. 21. v. 5.

ib. v. 5.

Verſ. Arabic.

Verſ. Æthiopic.

ib. v. 16.

Fr. Thimotheo do Conceiçaõ.

VIſta a informaçaõ, póde imprimir-ſe o Sermaõ, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 30. de Agoſto de 1748.

Fr. R. Alancaſtre. Silva. Abreu. Amaral. Almeyda. Trigozo.

DO OR-

Do Ordinario.

POde ſe imprimir o Sermaõ, de que trata a petiçaõ, e depois de impreſſo torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 3. de Setembro de 1748.

D. J. A. de Lacedemonia.

Do Paço.

CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO Correa da Congregaçaõ do Oratorio, &c.

SENHOR.

POr mandado de V. Mageſtade li o Sermaõ, que na feſta do Senhor Santo Antonio prégou o R. P. Doutor Fr. Joachim de Santa Anna Religioſo de S. Paulo, e Lente no ſeu Collegio de Evora. Naõ ſe me faz novo, que eſte inſigne Orador dezempenhe com tanta felicidade a fingularidade dos ſeus aſſumptos, fiando-ſe da grande literatura, e agudo engenho de que he dotado. Já nas feſtas, que na Villa de Serpa ſe fizeraõ a noſſa Senhora do Carmo, levou eſte Oraculo dos pulpitos os bem merecidos applauzos, pelo exceſſo com que naquella occaſiaõ ſe avantejou aos mais Oradores, que concorreraõ naquelles dias. Com muita razaõ he eſte Orador buſcado para as mayores feſtividades da Provincia Tranſtagana, pois

nelle, mais que em nenhum outro, ſeguraõ o dezempenho dos reverentes cultos, com que feſtejaõ a Deos, e aos ſeus Santos. Por eſta meſma razaõ foy buſcado pelas muito Reverendas Religiozas, filhas de Lisboa, para que foſſe mais ſolemne a feſta, que a ſua fervoroza devoçaõ tributa annualmenre a taõ eſclarecido, e illuſtre Patricio. Nas occaſioens, que ſe offereciaõ na Grecia, buſcavaõ os Senadores a Demoſtenes, que diante delles orava com mayor ſatisfaçaõ, que os mais. Do meſmo modo escolhiaõ os Romanos a Cicero nas funçoens de mayor em penho para ſeu Orador, e o que mais he, que na meſma Roma orava publicamente o grande Tito Livio ſendo natural de Padua; que ſeria ſe já neſſe tempo houveſſe naquella Cidade, viveſſe, ou aſſiſtiſſe morto hum Santo Antonio? Mas ſe eſte bendito Santo naõ teve hum Orador, qual foy Tito Livio, muito ſimilhande o veyo a conſeguir em Monte mor, neſte ſeu patricio filho de Lisboa. Faltou lhe a Antonio entre os Italianos o mayor Proclamador de ſuas acçoens, mas naõ lhe faltou entre os Portuguezes o mayor Panegyriſta de ſuas virtudes. Aſſim o vemos neſta Oraçaõ Concionatoria deſte taõ bom Portuguez, que para em tudo ſer bom, no fundamento, que toma para prova do ſeu aſſumpto, abona huma taõ conhecida, e eſtabalecida verdade de tanto credito para a naçaõ, qual he a appariçaõ de Chriſto bem noſſo ao Invicto Rey D. Affonſo Henriques, primeiro Monarcha deſte Reyno, o qual por ſer Reyno do meſmo Chriſto, he a feliz patria de Santo Antonio. Naõ duvida o Orador deſta appariçaõ, moſtrando niſto quanto

em

em tudo ſegue as verdades mais ſolidas, apezar de quem neſte ponto pertende, com mais engenho do que certeza, preſuadir-nos o contrario. Tudo ſe deve ás devotas de Santo Antonio, e naõ menos á que pertende dar ao prélo eſte Panegyrico, a cuja Dedicatoria me remeto para o que pudera dizer da ſua admiravel contextura; e por eſte obzequio naõ deixará Santo Antonio de fazer, que eſta ſua devota venha a ter ſua Patricia na Patria dos Viventes que he o Ceo, já que o naõ foy na terrena patria, que he Lisboa. Por todas eſtas razões ſe faz merecedor da licença, que pede. Eſte o meu parecer, V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Congregaçaõ do Oratorio 5. de Setembro de 1748.

Pedro Correa.

De Cœlo deſcendit.

Ex Evangel. Lect. Joan. 6. v. 59.

TENHO-ME perſuadido, que he Santo Antonio hum dos Santos Bemaventurados. (Senhor, a cuja Mageſtade a noſſa Fé confeſſa Sacramentado neſſa conſagrada Hoſtia, hoje he o dia, que podeis aſſiſtir neſſe Trono, ſem o receyo de que as duvidas, e difficuldades façaõ duvidoza a verdade deſſe Sacramento; porque para desfazer as difficuldades das herezias tendes o voſſo ſervo Antonio em campo como martello, que he dos Hereges: *Perpetuus hæreticorum malleus eſt vocatus*; e para obviar as duvidas da incredulidade eſtá o meſmo Antonio, que fará conheçaõ os homens com evidencia a voſſa Real prezença neſſa Hoſtia, ſem que obſte ſer eſſe Sacramento por antonomazia myſterio de Fé; pois que muito faça Antonio ſe ajunte o obſcuro da Fé com a evidencia da demonſtraçaõ, ſe já fez ſe uniſſe

Ex vit D. Ant.

uniſſe o cognoſcitivo ao irracional, fazendo, com admiraçaõ do mundo, vos conheſſe hum bruto, quando vos adorou Sacramentado.)

Tenho-me perſuadido, que he Santo Antonio hum dos Santos Bemaventurados. Parece ter muito de ſynonyma a propoſiçaõ; porque o meſmo he ſer Santo, que ſer Bemaventurado: logo, que muito ſeja Antonio hum dos Bemaventurados, ſe he hum dos grandes Santos? Reſpondo, o ſer Santo ſim he ſer todo Bemaventurado, mas naõ he ſer Bemaventurado em tudo; he ſer Bemaventurado no Ceo, mas naõ he em tudo ſer Bemauenturado; e Antonio naõ ſó foy, e he Bemaventurado no Ceo, como os Santos todos, mas he, e foy Bemaventurado em tudo, como nenhum dos Santos. Que he iſto em Antonio fugir de tudo para naõ ſer grande, e Antonio a ſer grande em tudo, ſenaõ em tudo ſer Bemaventurado Antonio?

Tres foraõ as fugidas mais celebres, que Antonio fez em ſua vida, e tres foraõ tambem, as que eu advirto fez neſta ſolemnidade, mas em todas com igual ſucceſſo. Fugio de Lisboa para Coimbra, da Religiaõ do meu grande Padre Santo Agoſtinho para a de Franciſco, e de Portugal para a Italia. Neſta ſolemninade fugio de ſua propria Caza para eſte Templo, do ſeu para ele dia, e finalmente do ſeu proprio Evangelho para o Evangelho do Sacramento. De Lisboa retirou-ſe já ás acclamaçoens de grande, que lhe davaõ, ſendo ainda menino, mas naõ pode fugir a eſtas; porque ſe grande em Lisboa, acclamado de todos o maximo em Coimbra; reſplendecia em Antonio a mo-

deſtia

deſtia, a gravidade, a Religiaõ, o cheiro das virtudes, e a eloquencia, ſendo ja ouvido como Oraculo; e conſiderando Antonio onde iria terminar tanta grandeza, verdadeiramente alhêa de ſua humildade, e virtude, eſtuda ao menos o modo de encubrila, ſem attender que iſſo meſmo era accreſcentala: *Magnitudinem comparat, qui fugit magnitudini*, diſſe o Seneca. Paſſou Antonio para ſer minimo, profeſſando ſer o infimo dos Menores, maz com tal ventura, que ſendo Menor por inſtituto, logrou entre os Menores os credito de Maximo. O que vendo Antonio, determina fugir a Portugal, naõ como ingrato, ſim por obrigaçaõ; pois como Antonio naſcia para luz do mundo, e a mayor luz: *Vós eſtis lux*, todos ſabem he obrigaçaõ da mayor luz, qual he o ſol: *Luminare maius*, circular o mundo: *Oritur ſol... gyrat per Meridiem... luſtrans univerſa in circuitu.* Agora ſim, diz Antonio, agora dou hum córte a eſta minha grandeza; irei para donde for deſconhecido, tratado como ignorante, e tido por idiota. Mas tende maõ, Antonio, levay a conſideraçaõ a Padua, que eſta deſvanecida com inveja de todo o Univerſo, ſem attender ás lagrimas, que Lisboa voſſa patria chora, eſtá fabricando hum ſumptuoſo mauſoleo para depoſito de voſſas ſagradas reliquias, nas fachadas do qual verá o mundo eſculpida a obediencia dos quatro elementos ſujeitos ao voſſo imperio: verſe ha a terra com os animaes proſtrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempeſtades ſuſpenſas, e o fogo com os incendios parados. Naõ attendeis que ſaberá a Italia

Senec.

Math. 5. 14. Geneſ. 1. 16 Eccleſiaſt. 1. 56.

fabri-

fabricar pyramides, em que ſe pendurem por troſeos os deſpojos innumeraveis de voſſa deneficencia, as bandeiras dos vencedores, as ancoras dos naufragantes, as cadeas dos cativos, e as mortalhas dos reſuſcitados? Ahi tendes o córte, que deſtes na voſſa grandeza com a voſſa fugida de Portugal.

Eſtas as fugidas, que Antonio fez, quando ainda vivo; agora vejamos as q̃ fez neſta ſolemnidade Primeiramente fugio Antonio de ſua propria Caza para eſte Templo, pois todos ſabem naõ ſer eſta a propria caza de Antonio, mas com igual ventura, que nas mais fugidas. Vem Antonio buſcar hum monte, e hum Monte-maior, e ſendo Antonio Myſtica Cidade, como lhe chamou Chriſto no Evangelho, com que a Igreja o applaude, e aquella ſe naõ póde occultar a os olhos do mundo, quando ſobre qualquer monte collocada: *Non poteſt civitas abſcondi ſupra montem poſita*, como ſe occultará a grandeza de Antonio, Cidade Myſtica, collocada ſobre hum monte, que naõ he qualquer monte, mas dos mayores montes o Monte-maior? Fugio do dia, porque todos ſabem naõ he hoje o dia de Santo Antonio: mas aqui verá o mundo o quam grande he Antonio, que chega com ſua grandeza a ſantificar qualquer dia, e como ſantifica os dias todos, qualquer dia ſe pode dizer dia de Santo Antonio. Finalmente fugio do Evangelho; porque ſendo o Evangelho, com que a Igreja o ſolemniza o dos DD., em que Chriſto lhe chama Luz do mundo, Sal da terra, Cidade eminente, nada diſto encontro no Evangelho do Sacramento, com que a devoçaõ hoje lhe conſagra os cultos; mas com

Matth. 5. 14.

De mandat Urban. 8. ad Regn. Portug.

com tal ſucceſſo, que naõ ſei qual he mais proprio para Antonio, ſe o Evangelho dos DD. que lhe applica a Igreja, ſe o do Sacramento com que hoje á devoçaõ o ſolemniza. O que ſei he, que o mayor Oraculo dos pulpitos, que vio Portugual, naõ diſſe bem, o mayor Orador, que admirou o mundo, o Grande Vieira, prégando deſte incõparavel Portuguez na feſtividade do Sacramento, diſſe, que achara taõ unidas eſtas duas feſtividades, e os ſugeitos dellas taõ ſimilhantes, e parecidos, que mais trabalho lhe dera o diſtingui-los, do q̃ ajuntá-los; porq̃ ſe olhava para a Cuſtodia, e cõſiderava as maravilhas do Sacramẽto, parecia lhe que via os prodigios de Antonio; ſe voltava os olhos a os prodigios de Antonio, parecia-lhe, eſtava vendo as maravilhas do Sacramento: de maneira, que ſó huma differença achava entre Antonio, e o Sacramento, que na Hoſtia eſtá o Sacramento com as cortinas cerradas, e em Antonio eſtá o Sacramento com as cortinas corridas. Eſte o motivo, que obrigou ao mayor dos Oradores a moſtrar era Antonio a Luz, e Sal da Meza do Sacramento; porque era em Antonio o Sacramento objecto dos ſentidos, ſendo por antonomazia em ſi myſterio de Fé; iſto he, era Antonio hum retrato do Sacramento, que com os olhos ſe via: mais claro, via-ſe em Antonio o que ſe cria no Sacramento. E moſtrando, que, o que ſe cria no Sacramento, ſe admirava em Antonio, como era, o eſtar em muitos lugares ao meſmo tempo, ter virtude de reſuſcitar mortos, e communicar eſpirito, ſendo carne, faltou-lhe exagerar huma ſimilhança, a meu ver, naõ pequena, entre Antonio, e o Sacramento,

Vieir. tom. 12. Serm. 5.

 ſal-

faltou-lhe contemplar huma excellencia, que ſe crê no Sacramento, e toy viſta em Antonio. E qual ſerá eſta? Refere-a o noſſo thema. Diz Chriſto hoje no Evangelho a ſeus diſcipulos, que aquelle Sacramento deſcera do Ceo, que ſe o adoramos cá na terra, lá do Ceo ſua patria para nós deſcera: *Hic eſt panis, qui de Cœlo deſcendit.* Eſta he a excellencia do Sacramento, e eſta he tambem a prerogativa de Antonio; porque ſe imaginamos he Antonio algum dos Santos da terra, ſaibaõ, que Antonio he hum Santo, que deſceo para nós do Ceo. Eſte o argumento do diſcurſo, que aquelle grande Orador, no que callou, deixou com ventura minha, para hoje elogiar a Antonio: Antonio vio ſe deſcer do Ceo como do Ceo ſe crê deſcera o Sacramento: *De Cœlo deſcendit.*

Joan. 6. 59.

DISCURSO.

De Cœlo deſcendit. Ex loc. ſup.

TOdos julgaõ ſer reciproca a obrigaçaõ dos patricios, e das patrias; porque naõ ſó aquelles ennobrecem eſtas com o heroico de ſuas acçoens, mas tambem eſtas ennobrecem aquelles com o elevado de ſuas prerogativas, e excellencias. Naõ foy menos gloria para Macedonia ſer berço de hum Philippe, do que para Philippe ter por berço a Macedonia. Naõ ſe deſvaneceo menos Annibal por ter naſcido em Roma, doque Roma por ter dado ao mundo Annibal. Daqui veyo, que muitos Heróes, e grandes, reconhecendo ſer a ſua grandeza mais avultada,

tada, que a grandeza de ſuas patrias, negaraõ as patrias, tomando outras, ſó a fim de que avultaſſe mais ſua grandeza. Cidades houve por eſte motivo, que diſputaraõ entre ſi, qual tivera a gloria de ſer berço de elevados Heróes: humas diſputaraõ a quem pertencia Alexandre; outras qual fora o berço de Demoſthenes; outras de Cicero, e finalmente outras de Ariſtoteles. Eſta ſem duvida he a cauſa, porque naõ podendo diſputar Padua com Lisboa, qual dellas foy o Oriente de Antonio, pois todos ſabem logrou eſta gloria Lisboa: *Antonius Ulyſſipone ortus*, diſputaõ com tudo, qual he mayor ventura, ſe ſer de Antonio berço, ſe ſepulchro? Hora ſim diſputem muito embora as mayores Cidades da Europa, qual he mayor felicidade, ſe ſer berço, ſe ſepulchro de Antonio; mas naõ diſputem, qual dellas foy o berço, porq̃ de Antonio o ſeu primeiro naſcimento naõ foy na terra, foy no Ceo; Antonio naõ he terreno, todo he celeſte: Antonio naõ foy como os mais Santos, q̃ naſcem na terra para ſubirem ao Ceo; porque Antonio naſceo no Ceo para deſcer á terra: naõ quiz o Ceo perder eſta gloria de ſer patria de Antonio, e teve Antonio a ventura de ter por patria o Ceo: foy Antonio como o Sacramento, que tendo por patria o Ceo: *Panem de Cælo*, deſceo para a terra a beneficio dos homens: *De Cælo deſcendit.*

Fx lect. Eccl.

Joan. 6. 31. Ibid. 59.

Mas ſe eu prometti moſtrar, que Antonio foy viſto deſcer do Ceo, aſſim como do Ceo ſe crê deſcera o Sacramento; quem foy o venturozo, que vio deſcer do Ceo a Antonio? Eu naõ, nem algum de nós, porque naõ temos tal ventura, ſim o Evangeliſta Aguia, que he mais venturozo, que nós.

10
H4

Por dous titulos he do Ceo o Sacramento, porque lá foy viſto, e porque de lá deſceo: foy viſto por S. Joaõ: *Agnum tamquam occiſum*, e deſceo do Ceo, como teſtemunha hoje Chriſto no Evangelho: *De Cælo deſcendit*. E iſto meſmo foy viſto em Antonio; foy viſto eſtar no Ceo, e do Ceo deſcer. Huma, e outra vizaõ teve o Evangeliſta mimozo no ſeu Apocalypſe nos capitulos 11. e 21.

Apocalypſ. 6. 6.

Joan. 6. 56.

No capitulo 11. refere o citado Evangeliſta, que elle vira no Ceo o Templo de Deos aberto, e que no meſmo Templo vira a Arca do Teſtamento de Deos: *Apertum eſt templum Dei in Cælo: & viſa eſt arca teſtamenti ejus in templo ejus.* Deixemos por hora a opiniaõ de Alapide, que entende por eſta Arca o Corpo myſtico de Chriſto, iſto he a ſua Igreja; a de Cyrillo, Ricardo, e Ruperto, que entendem a Humanidade do meſmo Chriſto, e finalmente a de S. Bernardo, que entende a Maria Santiſſima, e vamos a Roma conſultar o Juiz infallivel de todas as controverſias da Igreja, ouçamos a Gregorio IX. *Tantamque ſui admirationem commovit, ut eum Summus Pontifex aliquando concionantẽ audiens, arcam teſtamenti appellarit.* Achava-ſe algumas vezes prégando Antonio, e ouvindo o Gregorio IX. exclamou com grande admiraçaõ, dizendo: Eſte he a Arca do Teſtamento: *Arcam teſtamenti appellarit*: logo ſe Antonio he a Arca do Teſtamento, bem ſe moſtra, que como Arca do Teſtamento vio o Evangeliſta no Ceo a Antonio: *Apertum eſt templum Dei in Cælo: & viſa eſt arca teſtamenti ejus in templo ejus. Tantamque ſui admirationem commovit, ut eum Summus Pontifex aliquando concionantem audiens, arcam teſtamenti appellarit.*

Apocalypſ. 11. 19.

Alapid.

Cyril. Richarc. Rupert.

S. Bernard.

Gregor. 9. in vit S. Anton.

Aſſim

Aſſim foy viſto no Ceo Antonio, vejamos agora como ſe vio deſcer Antonio do Ceo. Refere o meſmo Evangeliſta S. Joaõ no Cap. 21. eſta myſterioza vizaõ: *Ego Joannes vidi ſãctam civitatem... deſcendentem de Cœlo à Deo paratam.* Eu Joaõ vi a Cidade chamada Santa, e vi, que deſcia lá do Ceo, toda viſtoza, e ornada. E que quereis dizer nos Evangeliſta ſoberano neſſa viſaõ que tiveſtes? O que, ſenhores? Reſponderei eu por elle, Muito: quer dizernos, que elle foy a teſtemunha de viſta, q̃ com ſeus olhos vio deſcer a Antonio Santo lá do Ceo cá para a terra. E ſe naõ digaõ-me; naõ he Antonio aquella myſtica, e elevada Cidade, q̃ collocada ſobre o mõte da Santidade, ſe naõ pode eſconder, por mais q̃ ſe quiz encobrir, como lhe diz Chriſto no Evangelho, que a Igreja lhe canta no ſeu dia: *Non poteſt civitas abſcondi ſupra montem poſita*? Naõ padece duvida; porém daqui naõ ſe collige, que falle eſta vizaõ de Antonio, pois a qualquer Santo Doutor chama Chriſto Cidade elevada ſobre hum monte; iſſo diz Chriſto, e a Igreja a hum Agoſtinho, a hum Jeronymo, e a hum Gregorio: logo ou o Evangeliſta naõ vio neſta vizaõ a Antonio, ou ſe o vio, vio tambem com elle a todos os Santos Doutores, que tambem ſaõ Cidades myſticas. Boa eſtava a difficuldade, ſe naõ fora o contexto; parece que prevendo o argumento, accreſcentou o Evangeliſta a palavra *Sanctam*; Eu, diz o Evangeliſta, vi deſcer do Ceo hũa Cidade, mas naõ qualquer Cidade, que eſſa he qualquer Santo Doutor, ſim hũa Cidade muito particular, hũa Cidade, que ſe chama por antonomazia a Santa: *Uidi ſanctam civitatem deſcendentem de Cœlo.*

Apocal. 21.

Matth. 5. 14

Ago-

Agora digaõ me, qual he o Santo Doutor, ou qualquer outro, que ſe chama por antonomazia o Santo? Nenhũ, ſenaõ Antonio, vamos a Padua cõ a conſideraçaõ, e examinemos bem o que lá ſe paſſa. Sabeis o que paſſa em Padua? o que aconteceo em Nazareth, quando Gabriel annunciou á Senhora o Myſterio da Emcarnaçaõ. Chegou o Anjo S. Gabriel perante Maria Santiſſima, e dá a ſua embayxada deſta maneira: Senhora, haveis conceber hum filho, cujo nome ſerá por antonomazia o de Santo: *Et quod naſcetur ex te Sanctum*: Repara S. Bernardo no termo, e admirado exclama: *Ut quid ita ſimpliciter Sanctum, & abſque additamento?* Santo abſolutamẽte, e ſem additamento?

Luc. 1. 35.

Bernard. Serm. 4. ſuper Miſſus

Eſta admiraçaõ, que Bernardo fez das vozes do Anjo em Nazareth, faria tambem ſe foſſe a Padua, e ouviſſe o como lá ſe nomêa Antonio; porque todos, aſſim velhos, como meninos, aſſim homens, como mulheres, dizem, vou ao Santo, venho do Sãto, fuy ao Santo, que he o meſmo, que dizerem, vou a Santo Antonio, venho de Santo Antonio, fuy a Santo Antonio: *Sanctum abſque additamento.*

E ſe naõ quereis eſtar por eſte teſtimunho do que hoje ainda paſſa, eſtai pelo que paſſou no dia de ſeu fallecimento. Morreo Antonio, e querendo os os ſeus Religiozos occultar eſta morte para lhe darem ſepultura, pois de outra ſorte lho impediria o concurſo de toda a Padua, naõ conſentio o Ceo eſte ſilencio; e aſſim por ſuperior inſtinto começaraõ os meninos a dar vozes por todas as ruas, dizendo: Morreo o Santo, morreo o Santo; donde concluhimos, que ſó Antonio he por antonomazia o Santo: *San-*

Etum

ctum abſque additamento. Santo Agoſtinho ſim ſe chama Santo, mas com additamento, Santo Agoſtinho: S. Jeronymo ſim ſe chama Santo, mas com additamento, S. Jeronymo: finalmente S. Gregorio ſim ſe chama Santo, mas com additamento, S. Gregorio; mas Santo por antonomazia, e ſem additamento, ſó he Chriſto, e Antonio: *Et quod naſcetur ex te Sanctum. Ut quid ſimpliciter Sanctum, & abſque additamento?*

Ainda naõ fica aqui a prova, adiantemo-nos mais, que havemos achar mayor luz com que conheçamos he aquella Cidade, que o Evangeliſta vio deſcer do Ceo, o glorioſo Antonio. Dá-nos eſta luz o Silveira, pois diz, que naquella Cidade vinha Deos: *Vidi Civitatem Sanctam in qua veniebat Deus*: e o meſmo Evangeliſta refere, que ouvira huma voz do Ceo, que dizia, que aquella Cidade era o tabernaculo de Deos: *Et audivi vocem magnam dicentem: Ecce tabernaculum Dei.* Agora convido vos para olhares para todos os Santos DD. e para Antonio; que vedes? Haveis ver em Antonio, o que naõ vedes nos mais Santos; haveis ver Antonio com Deos nos braços, feito trono de Deos: hora vede ſe ſe lhe applica bem, como a nenhum outro Santo Doutor: *Ecce tabernaculum Dei*: Logo bem ſe infere, que aquella Cidade Santa, que o Evangeliſta vio deſcer lá do Ceo, he Santo Antonio, ou que vira deſcer do Ceo a Antonio em figura de Cidade Santa: *Ecce ego Joannes vidi ſanctam civitatem deſcendentem de Cælo à Deo. Sanctum abſque additamento. Civitatem ſanctam; in qua veniebat Deus.*

Silv. in Apoc.

Apocalypſ. 21. 3.

Deus. Ecce tabernaculum Dei. De Cælo deſcendit.

Eſtá provado o aſſumpto, e porque ſufficientemente provado, deixo outras provas, naõ menos efficazes, que a que demos, pois he tempo de reſpondermos a huma duvida, com que a inveja ſe oppoem á mayor felicidade de Lisboa. Logo aonde eſtá a gloria de Lisboa? Naõ tem ja de q̃ ſe deſvaneça Lisboa, e os ſeus patricios com o ſeu Antonio, porque Antonio naõ tem por patria Lisboa, tem por patria o Ceo; ha-de ſe chamar Antonio do Ceo, e naõ Antonio de Lisboa. Grande argumento cõtra a immortal gloria de Lisboa, e de ſeus patricios, q̃ muito ſe deſvanecem com o ſeu Antonio! Mas como eu tenho parte neſta gloria, porque a tenho em ſer tambem patricio de Antonio, darei ao argumento naõ huma ſó, mas tres repoſtas.

Amado patricio, gloriozo Antonio, vós ſim ſois Antonio do Ceo, mas nem por iſſo deixais de ſer Antonio de Lisboa, naõ ſó porque ſe houve quem diſſe, que ſe havia parte da gloria do Ceo na terra, ſó era em Lisboa, e por eſte motivo baſtava que foſſeis de Lisboa filho, para ſeres filho do Ceo; mas tambem por outras duas razões. Aprimeira he, porque em Antonio, e em qualquer patricio de Lisboa, e tambem em qualquer Luſitano, o meſmo he naſcer na Luſitania, que naſcer no Ceo, pois no Ceo foy viſta a Luſitania. Naõ he penſamento meu, ſim do grande Vieira, pois diz, que aquella mulher, que vio o Evangeliſta lá no Ceo, era a Luſitania, fundando-ſe naõ ſó por eſtar toda ornada de luzes, que no meſmo nome diz q̃ he Luzitania: *Mulier amicta ſole*; mas tam-

Anonim. in poemat.

Vieir. tom. 12. Serm. 11

Apocalypſ. 12. 1.

tambem porque tinha a lua debaixo dos pés : *Luna ſub pedibus eius*, e a Luſitania foy a primeira, que em toda a Eſpanha ſacudio o jugo dos Sarracenos, e tantas vezes tem metido debaixos dos pés as Luas Mahometanas. Ibidem.

A ultima razaõ, ſenhores; e a mais forçoza, porque Antonio tem por patria o Ceo, e tambem Lisboa, he porque naſceo em Lisboa depois de naſcer no Ceo. Eſta he a prerogativa dos ſujeitos de deſmarcada grandeza, que naſcem duas vezes, porque como naſcem para admiraçaõ do Ceo, e da terra, devem tambem naſcer na terra, deſpois de naſcerem no Ceo. A ſegunda Peſſoa da Trindade Santiſſima, que de todas tres ſó foy a que naſceo : *Genitum non, factum*, porque naſceo com paſmo de todo o Univerſo, julgou Deos tiveſſe dous naſcimentos, hum na terra, outro no Ceo; no Ceo no Entendimento do Pay, na terra no ventre de Maria. Mas para que he buſcarmos outra prova mais, que a daquelle Sacramento, pois como ſe admira em Antonio o que ſe crê no Sacramento, o que paſſou no Sacramento, deve admirar ſe em Antonio. Ex Symbol. Nic.

Daquelle Sacramento, diz hoje Chriſto no Evangelho, tivera por patria o Ceo, que naſcera no Ceo, e que do Ceo deſcera : *Hic eſt panis, qui de Cœlo deſcendit.* Mas como póde ſer iſto, ſe o Propheta Rey no Pſalmo 103. diz que eſte paõ tem por patria a terra, e que na terra naſcera : *Educas panem de terra. Educas panem, de quo Joannes ſexto, Ego ſum panis vivus*, diz Hugo Cardeal? E bem ſe confirma, pois a primeira vez, Joan. 6. 59. Pſalm. 103. Hugo in Pſalm.

que o Ceo; e a terra admiraraõ o prodigio nunca visto do Sacramento, foy na terra quando Christo o instituhio no Cenaculo: Logo como se ajunta no Sacramento; o ser paõ do Ceo: *Hic est panis qui de Cœlo descendit*, com o ser paõ nascido na terra: *Educas panem de terra?* Como? Sendo aquella obra de desmarcada grandeza, obra a mayor de toda a Omnipotencia: *Miraculorum ab ipso factorum maximum. Plus dare non potuit*: de maneira, que instituhia Christo aquelle Sacramento para pasmo do Ceo, e da terra; e como sahia á luz obra de desmarcada grandeza para pasmo da terra, e do Ceo, fez se precizo sosse duas vezes feito, tivesse tambem de seu modo dous nascimentos, hum no Ceo: *Hic est panis qui de Cœlo descendit*, outro na terra: *Educas panem de terra.* Como o Sacramento Antonio, pois nasceo Antonio para pasmo do Ceo; e da terra como o Sacramento, por isso se fez precizo tivesse dous nascimentos, hum no Ceo, ontro na terra, hum em Lisboa: *Antonius Ulyssipone ortus*, outro no Ceo donde desceo; *De Cœlo descendit.*

D. Thom. D. P. Au-

Assim he, senhores, que como Antonio nascia para pasmo do Ceo, e da terra, julgou o Ceo tivesse dous nascimentos, e duas patrias; huma o Ceo, outra Lisboa. O' glorioza Lisboa, e quanto te consídero immortal na tua gloria! Só tu tivestes a ventura de seres subsstituta na terra do mesmo Ceo: era Antonio filho do Ceo, tinha ao Ceo por patria, e decretado que Antonio viesse ao mundo, e tivesse outro nascimento na terra, só Lisboa havia ser a patria de Antonio, como, que

andou

andou ō Ceo examinando a todo o mundo para delle eleger huma Cidade, a quem havia immortalizar com o naſcimento de Antonio. Examinou o Ceo a ſoberba Italia, a dilatada França, a mimoza Eſpanha, a pompa de todos os Imperios, finalmente naõ fugio ao exame nem huma ſò Cidade de toda a Europa, de toda a Azia, de toda a Africa, e de toda a America, em todo o mundo ſó achou digno berço para Antonio a Portugal, e em Portugal Lisboa: Só tu Lisboa, diſſe o Ceo, ſó tu he que es digna de fazer na terra as minhas vezes, ſó tu he que has de ſer patria de Antonio: *Antonius Ulyſſipone ortus:*

Se ja naõ he, que iſto no Ceo o eleger Lisboa para patria de Antonio, ſe foy favor, foy mais anticipado, porem ao naſcer Antonio, jà foy obrigaçaõ; porque ſendo Antonio filho do Ceo, e decretado pelo meſmo Ceo, que Antonio tiveſſe patria no mundo, naõ podia deixar de ſer Lisboa a patria de Antonio. E que razaõ terei eu para proferir eſta para Lisboa taõ honorifica propoziçaõ? Grande, ſenhores, attendei. Achava ſe o noſſo primeiro Rey D. Affonſo Henriques (que ainda o naõ era) no campo de Ourique para dar batalha o cinco Reys Mouros, e ſendo avizado por hum Eremita, filho de minha Sagrada Religiaõ, como he mais bem fundada ſentença, de que Chriſto lhe havia fallar, ſahio o Rey da ſua tenda a receber taõ celeſtial vizita, apparecendo-lhe Chriſto bem noſſo crucificado, aſſim lhe diſſe: Eu quero em ti, e na tua geraçaõ inſtituir hum imperio para mim, e que ſeja todo meu: *Volo in te, & in ſemi-*

Ex Alfonſ. juram.

ſemine tuo imperium mihi ſtabilire. Eſte Imperio ; ſenhores, he o Reyno de Portugal, de cujo foy o primeiro Rey D. Affonſo Henriques, donde infirio aſſim : Logo o Reyno de Portugal he o Reyno de Chriſto. Naõ padece duvida. E ſabem o que agora ultimamente ſe infere ? Que o Reyno de Portugal faz na terra as vezes do meſmo Reyno do Ceo: fundo-me nas palavras do meſmo Chriſto. Diſſe Chriſto em certa occaſiaõ, que o ſeu Reyno naõ era deſte mundo, mas ſim do outro, iſto he, que naõ era na terra, ſim no Ceo: *Regnum meum non eſt de hoc mundo* : Logo ſe o Reyno de Chriſto naõ he na terra, mas ſim no Ceo, dizer o meſmo Chriſto, que elle queria para Reyno ſeu o Reyno de Portugal, naõ era para ſer Rey de Portugal, como Reyno da terra, mas ſim para ſer Rey de Portugal, que como Reyno na terra fizeſſe as vezes do ſeu Reyno do Ceo: *Regnum meum non eſt de hoc mundo. Volo in te, & in ſemine tuo imperium mihi ſtabilire.*

Joan. 18.

Ja todos eſtais vendo a força do argumento. Era Antonio filho da Corte do Ceo, tinha a Corte do Ceo por patria, como ja vimos, foy preciſo deſcer á terra Antonio, e donde havia naſcer? Que patria havia tomar ? Ja ſe ſabe, Lisboa, que he a Corte de hum Reyno, que faz na terra as vezes do meſmo Reyno do Ceo: *Regnum meum non eſt de hoc mundo. Volo in te, & in ſemine tuo imperium mihi.* He proprio de cada hum buſcar o que he ſeu : ſe o Portugues vai a Roma, logo a onde caminha, he a Caza de Santo Antonio dos Portuguezes, e ſe o Italiano vem a Lisboa, logo

buſca

buſca a ſua Caza do Loreto, e iſto porque? porque a caza do Loreto em Lisboa he dos Italianos, e a caza de Santo Antonio em Roma he dos Portuguezes: logo ſe Lisboa eſtá no mundo fazendo as vezes da Corte do Ceo, a caza que os Cortezaõs do Ceo tem no mundo, he Lisboa; por iſſo Antonio, que todo he do Ceo, tendo que vir ao mundo, logo vem buſcar Lisboa para nella naſcer: *Antonius Ulyſſipone ortus.*

Daqui infiro eu, q̃ ſe a̅ algum Santo filho do Ceo for neceſſario vir á terrra ha-de naſcer em Lisboa, e ſer de Lisboa filho, como Corte de hum Reyno, que eſtá na terra fazendo as vezes do meſmo Reyno do Ceo; porque inſtituhindo Chriſto a Portugal Reyno ſeu: *Imperium mihi*: logo lhe deo direito para ſer na terra patria dos filhos do Ceo: E ſe me diſſerem, que ſendo o Verbo Divino todo Celeſte; e ſendo neceſſario, que vieſſe ao mundo; naõ veyo tomar a noſſa natureza a Portugal, nem naſcer a Lisboa, mas ſim naſceo em Belem, e tomou a noſſa carne em Nazareth; a razaõ he, porque ainda Portugal naõ eſtava inſtituhido Reyno de Deos, ainda Portugal naõ fazia na terra as vezes do Reyno do Ceo, pois eſta dita teve a Portugal muitos ſeculos deſpois da morte Chriſto: do que ſe collige, que ſe hoje foſſe neceſſario, que o Verbo Divno vieſſe ao mũdo, ou outra qualquer Peſſoa Divina em carne humana, havia tomalla em Portugual, havia naſcer em Lisboa; iſto naõ he de Fé, mas pia, e racionavelmente deduzido das pallavras de Chriſto, com que deo a Portugal o direito de ſer patria de tudo, que foſſe do Ceo: *Regnum meum*

meum non eſt de hoc mundo. Volo in te; & in ſemine tuo imperium mihi ſtabilire. Muyto deixo aqui em que reflectir, concluo, que bem dizia eu, que ſe iſto de ſer Antonio filho de Lisboa, foy favor do Ceo, foy mais anticipado; naõ foy quando Antonio naſceo, foy ſim, quãdo Chriſto inſtituhio a Portugal Reyno ſeu, e cõ vezes na terra do Reyno do Ceo, mas deſpois deſta inſtituiçaõ, naõ foy favor ter Lisboa a Antonio por filho, foy ja obrigaçaõ naſcer filho de Lisboa Antonio; porque tendo Lisboa direito a ſer patria dos filhos do Ceo, tinha direito a ſer patria de Antonio; porque filho do Ceo, donde deſceo: *De Cœlo deſcendit. Antonius Ulyſſipone ortus.*

Mil vezes eſclarecida, (contigo fallo ó doce patria, amada Lisboa, que poſto que adiſtancia embargue chegarem a teus ouvidos eſtas vozes, o affecto fará, que ao menos chegues a perceber os eccos) outra vez digo, mil vezes eſclarecida Lisboa, que entre todas as Cidades do Univerſo te conſidero a mais feliz, naõ ſó, porque ſó tu logras a ventura de ſer Corte de hum Reyno, que faz as vezes do Reyno do Ceo na terra: *Regnum meum non eſt de hoc mundo. Volo in te imperium mihi*, mas tambem porque ſó tu tiveſtes a gloria de ſer patria de Antonio, hum taõ grande Santo do Ceo. Sabe, q̃ ſe naõ tiveſſes a felicidade de conteres em ti meſma hũ Mundo inteyro: *Orbis in urbe*, baſtava para tua immortal gloria o ſeres patria de Antonio: *Licet Ulyſſipo non eſſet orbis in urbe, ſufficeret, ut inſigniretur, inter alias, quod Antonii cunis potita fuerit*; diſſe hũ teu grande

pa-

patricio, teu credito, e de minha Religiaõ ſagrada, o grande Arouca. Deſvaneça-ſe muito embora Padua por ſer de Antonio ſepulchro, que tu mais que ella te deves jactar, por ſeres de Antonio o berço: Padua ſim ſoy o Occazo, mas tu es o Oriente: Padua ſim pode deſvanecida ir á caza de Antonio, e apontar com o dedo, e dizer, *Aqui jaz Antonio*; mas tu Lisboa tambem vaz a caza do meſmo Santo, e com mais gloria apontas, e dizes, *Aqui naſceo Antonio*; Padua recebeo, o que tu lhe deſtes, mas tu deſtes a Padua, o q̃ recebeſtes do Ceo; julgue agora o mundo, qual he mayor gloria, ſe a de Padua recebendo a Antonio de Lisboa, ſe a de Lisboa, dando Antonio a Padua? Rezolve eſta queſtaõ Chriſto, dizendo: *Beatius eſt magis dare, quam accipere*, mayor gloria he dar do que receber: recebeo Padua, deo Lisboa, ſeja pois grande gloria para Padua o receber a Antonio de Lisboa, que a mayor gloria eſtá rezervada para Lisboa, dando Antonio a Padua: *Beatius eſt magis dare, quam accipere. Antonius Olyſſipone ortus.* Só tu Lisboa tiveſte a ventura de ſer berço de hum Santo, que tem lugar em todas as Jerarquias do Ceo; Antonio he Seraphim no amor, Cherubim na intelligencia, todo Angelico na pureza, elle he da claſſe dos Patriarchas, pois muitos filhos da reforma de Franciſco tomaraõ por Patriarcha a Antonio, elle he Profeta, pelo que antes vaticinou, e acconteceo deſpois, ſoy Apoſtolo no zelo, no miniſterio, e no pobre, elle ſoy martyr no meſmo dezejo, que teve de padecer o martiryo, como Doutor o trata a Igreja, na claſſe dos Con-

Noſter Arouc. tom. 1. in eap. pro cõcionib in feſt. S. Ant.

Acto Apſt. 20. 35.

Conſeſſores tem grande lugar Antonio, e naõ menor no Choro das Virgens; em concluzaõ ſó tu Lisboa tens a ventura de ſer Patria de hum Santo, que ſó he teu, e do Ceo, teu porque naſceo em ti: *Antonius Ulyſſipone ortus*, do Ceo, porque do Ceo para ti deſceo: *De Cœlo deſcendit.*

Tenho concluhido, poſto que naõ faltava materia para mais elogios; faltava o dizer, que ſe as fabulas ſaõ muitas vezes figuras do que paſſa no Chriſtianiſmo, o que foy fabula no fingido Mercurio, foy realidade Catholica no verdadeiro Antonio; reſta o tempo para moſtrar o como. Faltava dizer, que ſe Amphitriam foy dotado de gloria immortal, porque Pay de Hercules, fingido filho de Jupiter: *Noſtro Divino, qui ſuſceptus ſemine, ſuis factis te immortali afficiet gloria*, diſſe Plauto, com mais verdade, e razaõ ficou com immortal gloria Lisboa, porque na realidade he Máy de Antonio, que ſó he ſeu, e do Ceo. Por tudo paſſo, pois me convida o tempo para reflectir no empenho, e deſvelo, com que as ſempre illuſtres, e eſclarecidas filhas de Lisboa ſe empenhaõ nos cultos do ſeu Antonio, que ſendo na verdade eſte empenho, naſcido de hũ patricio affecto, naõ ſei, ſenhoras, ſe vos empenhais nos cultos de Antonio por patricias ſuas na terra, ſe por patricias ſuas no Ceo. Vós tambem tendes duas patrias, porque tambem tiveſtes dous naſcimentos; naſceſtes em Lisboa voſſa, e minha patria; a quem acreditaſtes com voſſo naſcimento, e depois naſceſtes neſ e Ceo de Domingos, naceſtes neſte Religioziſſimo Convento, donde pelo Santo excercicio das virtudes,

Plaut.

com

com que o acreditais, he já hum Ceo aberto na terra. Empenhaiſ-vos, outra vez digo, em dar a conhecer ao mundo eſta grande luz de voſſa patria, Antonio prodigiozo; ſendo a que neſte anno ſe moſtra nos cultos com empenho de primeira, aquella que em ſeu meſmo nome, traz os reſplendores de luz; mas quem ſe havia eſpecializar em concorrer para os luzimentos de huma luz, ſe naõ outra luz. A Lua; que muitas vezes vemos ſe deſfaz em luzimentos, luz com os reſplendores do Sol; o Sol he que concorre para os luzimentos da Lua; [naõ fora ſol, ſe aſſim naõ obrara]: iſto he, o que ſe contempla no Ceo, e de ſeu modo he tambem, o que hoje admiramos na terra, huma luz concorrer para os luzimentos de outra luz; mas com diverſidade, que na terra ſaõ reciprocos os influxos, o que ſe naõ admira no Ceo; recebe huma luz os reſplendores de outra em cultos, recebe a outra as luzes da primeira em beneficios; recebe huma obzequios; recebe a outra favores: eſta recompenſa de Antonio he incentivo, ſenhoras, para continuar nos ſeus cultos; porque com os voſſos obzequios fazeis certo o patrocinio de Antonio; diſto vos aſſegura a experieucia, e a voſſa meſma patria: he Antonio filho de Lisboa, e eſtes com a nobreza da patria herdaõ o timbre do agradecimento. Aſſim o conhecemos, e aſſim o eſperamos, gloriozo Antonio; conhecemos a voſſa inclinaçaõ, que como de patricio de Lisboa, naõ he de ingrato; ſim de agradecido; e niſto fiados eſperamos o voſſo patrocinio; empenhe ſe eſte em deſterrar de nós tudo o que for culpa, em

Sendo Juiza a Senhora D. Luiza Caetana

nos alcançar de Deos tudo, o que for graça, para despois no Ceo ter tudo gloria. Amen.

FINIS LAUS DEO.

Virginique Mariæ, necnon Joachimo, & Annæ, Paulo, & Antonio Eremitarum Principibus.

BIBLIOTECA
4-III-942
Nº. DE REG.
3293